

# DA VERDADE AO PERSPECTIVISMO: UMA ABORDAGEM NIETZSCHIANA APLICADA À FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Bruno Camilo de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar os pressupostos da crítica de Nietzsche à noção de “verdade” que permitem considerar o seu “perspectivismo” uma excelente alternativa crítica e epistemológica para a filosofia da ciência. Realiza-se, para tanto, uma interpretação das expressões nietzschianas “tragédia”, “saber trágico”, “vida”, “perspectivismo” e “verdade”. Nietzsche parece estar convencido de que a crença na noção de “verdade” não pode ser condizente com a crença na “vida”, uma vez que a “vida” é também “tragédia”, não podendo, por isso, ser reduzida a um conceito. Por outro lado, a noção de “verdade”, encontrada na ciência natural, busca consolidar um conceito sobre a realidade, o que anula a pluralidade de perspectivas sobre a vida. Assim, uma analogia entre esse aspecto por trás do perspectivismo de Nietzsche e a construção do conhecimento científico permite considerar que a construção do saber científico precisa desconsiderar a noção de verdade e considerar todas as perspectivas individuais dos cientistas – a ciência não deve buscar verdades, mas metáforas ou perspectivas sobre a “vida” –, o que permite

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia (bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010), graduação em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2018). Atualmente é professor adjunto, nível 1, da Universidade Federal do Semiárido. E-mail para contato: bruno.camilo@ufersa.edu.br.

mostrar uma excelente contribuição de Nietzsche para os debates sobre a noção de verdade na filosofia da ciência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perspectivismo. Verdade. Conhecimento científico. Saber trágico. Vida.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present the assumptions of Nietzsche's critique of the notion of "truth" that allow to consider his "perspectivism" an excellent critical and epistemological alternative to philosophy of science. It takes place, therefore, an interpretation of the Nietzschean expressions "tragedy", "tragic knowledge", "life", "perspectivism" and "truth". Nietzsche seems to be convinced that the belief in the notion of "truth" cannot be consistent with "life", since "life" is also "tragedy" and therefore cannot be reduced to a concept. On the other hand, the notion of "truth" found in natural science seeks to consolidate a concept about reality, which nullifies the plurality of perspectives on life. Thus, an analogy between this aspect behind Nietzsche's perspectivism and the construction of scientific knowledge allows us to consider that the construction of scientific knowledge needs to disregard the notion of truth and to consider all the individual perspectives of scientists – science must not seek truths but metaphors or perspectives on "life" – which allows to show an excellent contribution of Nietzsche to the debates about the notion of truth in the philosophy of science.

**KEYWORDS:** Perspectivism. Truth. Scientific knowledge. Tragic knowledge. Life.

## 1 INTRODUÇÃO

Os filósofos da ciência dificilmente mencionam Nietzsche em seus debates em torno da concepção da verdade e da construção do conhecimento sobre a realidade objetiva. Eles bem que poderiam se interessar mais pelo pensamento nietzschiano! Este artigo pretende ressaltar a relevância do pensamento de Nietzsche para a filosofia da ciência, no que diz respeito aos temas da verdade e da construção do conhecimento sobre o mundo, a partir de uma interpretação do significado das expressões nietzschianas "verdade", "tragédia", "saber trágico", "vida" e "perspectivismo".

No que diz respeito aos debates em torno dos temas da concepção tradicional da verdade como correspondência aos fatos e da construção do conhecimento científico sobre o mundo objetivo, o pensamento de Nietzsche pode ser considerado relevante para esses temas, pelo menos, por três motivos: pela crítica que ele estabelece ao *conceito* e, em especial, à concepção tradicional da *verdade* adotada pela comunidade científica; pela apresentação do "saber trágico" como uma espécie de *conhecimento* sobre a realidade objetiva; e pelo significado da expressão

“perspectivismo” em seu pensamento, sobretudo a maneira como essa expressão parece sugerir uma visão *pluralista* sobre a construção do conhecimento objetivo. Esses três motivos serão abordados nas seções seguintes, tendo em vista os debates recentes da filosofia da ciência. Não obstante, é importante considerar que podem haver outros motivos relevantes da obra de Nietzsche para a filosofia da ciência, além dos três mencionados anteriormente. Aqui, optou-se por estudar apenas três das possíveis contribuições de Nietzsche, com a expectativa de que futuros trabalhos possam ressaltar outras contribuições relevantes do pensamento nietzschiano para os debates recentes da filosofia da ciência.

Para dar início ao desenvolvimento do conteúdo aqui proposto, cabe à seção seguinte estudar as críticas de Nietzsche ao *conceito* e à concepção tradicional da *verdade* para esclarecer o porquê que a crença do pensamento científico-filosófico-ocidental no conceito e na verdade não pode ser condizente com uma crença na “vida” que, por ser “trágica”, não pode ser reduzida, segundo Nietzsche, a um *conceito*. A mesma seção também aborda o tema do “saber trágico”, na expectativa de poder mostrar a sua relação com a crítica da “verdade” e como Nietzsche o considera uma espécie de *conhecimento* capaz de representar a “vida”. A terceira seção é totalmente dedicada ao significado da expressão “perspectivismo” no pensamento de Nietzsche, de modo a tentar elucidar o motivo que faz do “perspectivismo” uma excelente alternativa epistemológica para a ciência, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de uma teoria pluralista sobre as várias perspectivas que devem constituir o conhecimento objetivo sobre o mundo. Por último, nas considerações finais, pretende-se apresentar uma síntese dos argumentos elencados nas seções anteriores de modo que seja possível visualizar as contribuições do pensamento de Nietzsche para a filosofia da ciência e os subsídios para uma crítica à epistemologia contemporânea.

## **2 A CRISE DA VERDADE E O SABER TRÁGICO COMO PERSPECTIVA DA VIDA**

Se consideradas subáreas da filosofia como a epistemologia e a filosofia da ciência, subáreas que tratam sobre os temas da convenção, noção e função da verdade do conhecimento científico, nota-se que Nietzsche apresentou estudos relevantes para os debates nessas subáreas, uma vez que sua obra filosófica tenha como objetivo, entre outros, refletir sobre a *verdade* e a possibilidade do *conhecimento científico*. Uma reflexão que pode ser compreendida a partir da interpretação das

expressões nietzschianas “aforismo”<sup>2</sup>, “metáfora”<sup>3</sup>, “poesia”<sup>4</sup> e “música”<sup>5</sup>. Parece soar estranho que expressões como “aforismo”, “metáfora”, “poesia” e “música” possam ser relevantes para algum estudo de interesse da epistemologia ou da filosofia da ciência. Veja-se a seguir o sentido de tais expressões no pensamento nietzschiano, de modo a ficar clara a contribuição da filosofia nietzschiana para os debates da epistemologia e da filosofia da ciência acerca da verdade e do conhecimento científico.

O aforismo é um gênero textual caracterizado pela escrita de breves sentenças capazes de comunicar um pensamento ou uma ação. *Humano, demasiado humano*, por exemplo, é uma obra nietzschiana escrita por aforismos. Contudo, em Nietzsche, além de um elemento textual o aforismo possui também um significado epistemológico: Nietzsche está convencido de que não deve haver uma busca por um ideal de *conhecimento verdadeiro* e sim uma busca por *interpretações* ou *metáforas* sobre a realidade. “Nada possuímos senão metáforas das coisas”, escreve Nietzsche, “que não correspondem, em absoluto, às essencialidades originais”,<sup>6</sup> sendo a “verdade” nada mais que

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas.<sup>7</sup>

Parece ser evidente que o “impulso à formação de metáforas”<sup>8</sup> é interpretado por Nietzsche como o esforço máximo da humanidade para a elaboração de conhecimento sobre a realidade objetiva. Para ele os humanos estão “profundamente imersos em ilusões e imagens oníricas”, pois a visão humana “desliza apenas ao redor da superfície das coisas e vê ‘formas’, sua sensação não leva à verdade em nenhum lugar, mas antes se satisfaz em receber estímulos e tocar, por assim dizer, um teclado sobre o dorso das coisas”.<sup>9</sup> Por isso o aforismo é valorizado por Nietzsche enquanto um recurso epistemológico, isto é, o máximo que os seres humanos podem realizar no que diz respeito a construção de qualquer forma de conhecimento é construir aforismos. A verdade é

---

<sup>2</sup> (NIETZSCHE, 2007a, p. 14).

<sup>3</sup> (NIETZSCHE, 2007b, pp. 36-37).

<sup>4</sup> (NIETZSCHE, 1996, p. 70).

<sup>5</sup> (NIETZSCHE, 1996, pp. 96-97).

<sup>6</sup> (NIETZSCHE, 2007b, pp. 33-34).

<sup>7</sup> (NIETZSCHE, 2007b, pp. 36-37).

<sup>8</sup> (NIETZSCHE, 2007b, p. 46).

<sup>9</sup> (NIETZSCHE, 2007b, p. 28).

figurativa, composta por inúmeras metáforas delimitadas arbitrariamente, sem preferências unilaterais. Assim, escreve Nietzsche que

A 'coisa em si' (ela seria precisamente a pura verdade sem quaisquer consequências) também é, para o criador da linguagem, algo totalmente inapreensível e pelo qual nem de longe vale a pena esforçar-se. Ele designa apenas as relações das coisas com os homens e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais ousadas metáforas. De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora.<sup>10</sup>

Diferentemente da noção da verdade como correspondência aos fatos, comumente adotada pela tradição científica,<sup>11</sup> no que diz respeito à capacidade de descrição da realidade, uma metáfora não tem a pretensão de ser universal nem de ser o único significado de representatividade objetiva válido. É importante notar que uma metáfora, no sentido nietzschiano, não se trata de uma descrição fiel e acabada sobre a realidade, mas de uma aproximação da realidade, um ponto de vista, uma interpretação particular e distinta de outras apenas por se tratar de uma perspectiva diferente sobre um mesmo objeto. A metáfora é em si um modo específico de enxergar a realidade, próprio de cada sujeito. Não obstante, uma metáfora juntamente com outras metáforas formará uma interpretação mais completa da realidade, na medida em que o conjunto de várias metáforas é capaz de considerar não um, mas vários pontos de vista.

Uma metáfora é capaz de descrever a realidade objetiva, mas não da maneira como se supõe ocorrer com as verdades científicas, pois para Nietzsche o impulso à criação de metáforas é diferente do impulso à criação de uma verdade. O impulso para as metáforas não vem de uma imposição social ou de uma convenção que deve ser aceita por todos os membros de uma determinada comunidade, tampouco vem de uma necessidade ou obrigação da sociedade para aceitar determinadas imagens usuais, de dizer a verdade, de ser moral, etc., da obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, isto é, de "mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório".<sup>12</sup> O impulso para a metáfora vem da constatação trágica de que são os seres humanos que constroem os conceitos para significar a realidade objetiva, não que os seres humanos são capazes de identificar ou descrever conceitos que existem na própria realidade. Nesse sentido, para Nietzsche, a verdade é uma mentira que

---

<sup>10</sup> (NIETZSCHE, 2007b, pp. 31-32).

<sup>11</sup> As defesas mais influentes para a tradição científica no século XX da noção correspondentista da verdade remontam, inicialmente, aos trabalhos de Russell (2005) e do primeiro Wittgenstein (1968) e, posteriormente, aos trabalhos dos positivistas lógicos e daqueles que defendem a concepção semântica da verdade, como Carnap (1936) e Tarski (1944), respectivamente. No entanto, desde a metade do século XX que a noção correspondentista vem sendo gradativamente abandonada pela tradição científica, sobretudo a partir de trabalhos como Quine (2011) e Putnam (1998).

<sup>12</sup> (NIETZSCHE, 2007b, p. 37).

liquefaz a metáfora intuitiva em uma convenção social, portanto dissolve uma imagem em um conceito. Se por um lado a metáfora intuitiva é individual e única, sem necessidade do padrão, por outro a verdade ostenta uma regularidade rígida e lógica. Assim cada sociedade terá sobre si uma exigência de verdade conforme o padrão vigente. O defensor de verdade toma a si por medida de todas as coisas, mas acredita existir objetos puros diante de si. Esquece que o que produz são metáforas intuitivas, e as confunde com as coisas mesmas.

Para Nietzsche, os conceitos são abstrações do mundo que apenas tangenciam algumas particularidades da vida. A vida é indeterminada porque é plural e descontínua – tudo está relacionado entre si e em constante movimento. A representação teórica da vida deve, portanto, possuir um caráter totalmente diferente dos conceitos estáticos e cristalizados divulgados pela tradição correspondista e racionalista da ciência. Na realidade, segundo Nietzsche, diferentemente do que acredita a tradição científica, os conceitos são aproximações teóricas da realidade construídas pelo sujeito para entender o mundo. O conceito não é uma entidade objetiva e real que pode ser apropriada pelo sujeito, mas o resultado da potencialidade do sujeito em descrever determinado aspecto da realidade. Por isso, é uma maneira “miserável”,<sup>13</sup> escreve Nietzsche, de comunicar a realidade, uma vez que não traduz ou comunica toda a complexidade da vida. Mas o impulso para a construção de uma metáfora é diferente, pois vem de uma constatação trágica de que a vida é tão plural que nunca poderia ser reduzida a um conceito, sendo o máximo que se pode fazer em relação a uma representação da vida é construir metáforas. Segundo Nietzsche, somente o “saber trágico” poderia constituir uma imagem suficiente de conhecimento sobre a vida, pois somente a tragédia é capaz de representar o conjunto de possibilidades – desacordo, desmedida, desarmonia, temor, dilaceramento, dualidade e crueldade – que constitui a vida.

Tais perspectivas de Nietzsche sobre as noções de verdade e conceito são condizentes com a escolha do “aforismo” como um gênero textual comum em seus escritos. Pois, não é o interesse de Nietzsche apresentar definições ou conceitos cristalizados sobre a realidade. Ele parece querer fazer de sua escrita um exemplo de sua *filosofia da arte da interpretação*, como uma pintura artística, uma imagem, capaz de reconhecer a presença de outras formas de metáforas. É o que se vê, por exemplo, no Prólogo da *Genealogia da moral*, quando ele alerta que

Se este livro resultar incompreensível para alguém, ou dissonante aos seus ouvidos, a culpa, quero crer, não será necessariamente minha. Ele é bastante claro, supondo-se – e eu suponho – que se tenha lido minhas obras anteriores, com alguma aplicação na leitura: elas

---

<sup>13</sup> (NIETZSCHE, 1999a, p. 256).

realmente não são fáceis. [...] Em outros casos, a forma aforística traz dificuldade: isto porque atualmente não lhe é dada *suficiente importância*.<sup>14</sup>

O que um ser humano produz é uma imagem individual sobre a realidade, que pode ser diferente da imagem realizada por outro. Essa imagem ou metáfora é também uma interpretação. Não há necessidade de hierarquização das várias interpretações. Ocorre o reconhecimento mútuo: a existência de uma não anula a existência de uma outra. O que Nietzsche chama de “interpretação” significa a tentativa de atribuir validade objetiva aos conceitos teóricos, sendo sempre parcial e fragmentária uma vez que surge de perspectivas individuais. Não se pode interpretar qualquer aspecto da realidade como se pudesse existir uma interpretação mais verdadeira do que outras, uma vez que qualquer interpretação sobre a realidade é uma imagem incompleta. Assim, não se pode querer que uma interpretação se torne um padrão ou um valor universal. O aforismo seria a única forma de poder comunicar qualquer conhecimento sobre a realidade, pois trata-se de uma interpretação que não pretende ser universalizada.

Bem cunhado e moldado, um aforismo não foi ainda “decifrado”, ao ser apenas lido: deve ter início, então, a sua *interpretação*, para a qual se requer uma arte da interpretação. Na terceira dissertação deste livro, ofereço um exemplo do que aqui denomino “interpretação”: a dissertação é procedida por um aforismo, do qual ela constitui o comentário. É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam “legíveis” –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um “homem moderno”: o *ruminar*...<sup>15</sup>

Nietzsche fez de sua escrita exatamente o reflexo de sua filosofia do conhecimento. Não só os aforismos, mas o recurso às reticências, bastante comum em seus escritos, parece querer estimular o leitor para que ele mesmo possa completar o restante da frase, criando uma conclusão própria ou resolvendo por nenhuma – é o “ruminar”. Um outro exemplo são as palavras entre aspas, que oferecem condições para que o leitor possa pôr em dúvida o significado comum e familiar de algumas palavras. Algo parecido também ocorre com as interrogações, exclamações e outros meios bastante evidentes em sua obra. É preciso certa astúcia do leitor para perceber tais momentos. “Todos eles”, escreve Mueller-Lauter, “devem levar o leitor a se deter no pensamento, devem produzir uma ‘inibição interior’, que dá ocasião ao ‘ruminar’ de seus pensamentos”.<sup>16</sup>

Se for considerado um estudo sobre a perspectiva nietzschiana do conhecimento pode-se dizer que para Nietzsche o conhecimento é construído pela arte de interpretar uma determinada

<sup>14</sup> (NIETZSCHE, 2007a, p. 14, grifo do autor).

<sup>15</sup> (NIETZSCHE, 2007a, pp. 14-15, grifo do autor).

<sup>16</sup> (MUELLER-LAUTER, 1994, não paginado).

coisa, por aforismos, como ocorre com o “poema” e a “música”. Pois, o interprete é aquele que considera o conhecimento objetivo como uma espécie de sintoma e por isso se comunica por meio de aforismos. O artista, pelo poema ou música, é capaz de considerar e criar perspectivas diferentes. Essa deve ser uma capacidade do filósofo do conhecimento. Por isso, o filósofo do conhecimento, assim como o cientista, deveria se comunicar como um poeta, um artista figurador do mundo. Ora, é exatamente dessa forma que Nietzsche se comunica com os seus leitores. Isso pode ser notado, por exemplo, no seguinte poema:

*Os tiranos do espírito.* – Mas nenhuma planta evita a luz; no fundo, aqueles filósofos buscavam somente um sol *mais claro*, o mito para eles não era puro, não era luminoso o bastante. Encontravam essa luz em seu conhecimento, naquilo que cada um deles denominava sua “verdade”. Mas naquele tempo o conhecimento tinha um esplendor ainda maior; era jovem ainda e ainda sabia pouco de todas as dificuldades e perigos de suas sendas; ainda podia esperar chegar com um único salto ao centro de todo ser e de lá resolver o enigma do mundo.<sup>17</sup>

O poema é um recurso importante para o filósofo do conhecimento, assim como para o cientista e outros que estiverem preocupados em construir algum conhecimento sobre a realidade porque a poética se caracteriza pela indeterminação de um conceito puro, único e universal. No poema – assim como na música, no culto teatral, etc. – o artista deve ser livre para interpretar algo, criando uma imagem figurativa.

Com esse conhecimento se introduz uma cultura que me atrevo a denominar trágica: cuja característica mais importante é que, para o lugar da ciência como alvo supremo, se empurra a sabedoria, a qual, não iludida pelos sedutores desvios das ciências, volta-se com olhar fixo para a imagem conjunta do mundo, e com um sentimento simpático de amor procura aprender nela o eterno sofrimento como sofrimento próprio.<sup>18</sup>

Para Nietzsche, interpretar a vida exige poesia para construir imagens intuitivas sobre a vida. No entanto, nem sempre a criatividade e a liberdade encontrada entre os artistas estão presentes entre os filósofos do conhecimento. Isto ocorre, nas palavras de Nietzsche, devido ao “instinto de rebanho” que impõe costumes, padrões, imposições sociais e convenções capazes de coibir a atitude artística do cientista ou do filósofo sobre a realidade objetiva.

Uma característica importante da tragédia é que ela encena a vida como ela realmente é. Para Nietzsche, a “metáfora” da “vida” é a “tragédia”. Por isso ele elogia o pensamento dos pré-socráticos, porque é um pensamento que não nega a “vida”, isto é, entre os pré-socráticos haveria a

---

<sup>17</sup> (NIETZSCHE, 1999b, p. 88, grifo do autor).

<sup>18</sup> (NIETZSCHE, 1996 p. 111).

possibilidade trágica, de uma unidade entre o pensamento e a vida, de um eterno retorno entre a vida e o pensamento: a vida estimula o pensamento e o pensamento afirma a vida. Mas, a tradição racionalista e ocidental, segundo Nietzsche, teria sido responsável pela gradativa negação dessa característica, até o ponto em que passou a “julgar”<sup>19</sup> a vida.

O julgamento da vida é diferente da representação da vida. Com a representação pode-se constituir uma imagem mais completa de como a vida é: trágica. Com o julgamento a criatividade artística pode ser inibida, negando-a com base na crença em limites e proibições, refutando-a com base em valores transcendentais, considerados ascéticos e pretensiosamente superiores, capazes de condenar a vida. Assim, em lugar do pensador artista, ativo e criativo, isto é, crítico de todos os valores vigentes e criador de novos valores, surge o pensador metafísico e pessimista.

“Quem sofre não tem *ainda nenhum direito* ao pessimismo!”, foi daquela vez que conduzi comigo uma demorada e paciente campanha contra a anticientífica propensão fundamental de todo pessimismo romântico, a inflar, a interpretar experiências pessoais isoladas como juízos universais, e mesmo como condenações do universo... em suma, daquela vez virei meu olhar *no avesso*.<sup>20</sup>

O julgamento da vida é a negação do eterno retorno, afirma Nietzsche. Tal negação surge com Sócrates, quando estabeleceu a separação hierárquica entre repouso e movimento, essência e aparência, permanente e perecível, inteligível e sensível. Com Sócrates, segundo Nietzsche, surge a metafísica, capaz de limitar e julgar a vida, segundo valores como Verdade e Divino. Com Sócrates teria surgido a tradição da razão, cujo papel seria oferecer prescrições hierárquicas sobre a construção do conhecimento e possibilitar o surgimento do homem teórico, em oposição a todo o saber místico que caracterizava a tradição da época da tragédia.

Para Nietzsche a tragédia grega é o saber místico sobre a unidade da vida e da morte, portanto um tipo de saber capaz de contemplar a totalidade. Sócrates teria considerado a arte trágica irracional, não necessária para a construção do conhecimento, pois ela poderia desviar o rumo desejável para a construção do conhecimento sobre a realidade.

Nietzsche parece estar convencido de que as prescrições teóricas, de compreensão e justificação, que caracterizam grande parte do pensamento científico ocidental – a metafísica, o positivismo, o racionalismo, o pensamento lógico, etc. – não são capazes de explicar o mundo em sua totalidade trágica. São prescrições que devem ser combatidas e substituídas pela arte trágica, para perder o seu status dogmático e inverossímil e para possibilitar o esclarecimento sobre

---

<sup>19</sup> (NIETZSCHE, 1999c, p. 107).

<sup>20</sup> (NIETZSCHE, 1999c, p. 107, grifo do autor).

perspectivas mais completas da realidade. Sua tese é a de que a arte é indispensável para uma construção de imagem sobre o mundo: para Nietzsche, “arte e poesia trágica tornam-se as chaves que destrancam a essência do mundo”<sup>21</sup> porque permitem acessar o conhecimento trágico (total) do mundo e da vida. A arte é entendida por Nietzsche como uma “modalidade do saber”, mais importante, inclusive, do que a própria ciência e o racionalismo para o esclarecimento de questões sobre a realidade, uma vez que está mais próxima da vida do que o racionalismo característico para a construção do conhecimento científico. Somente a própria vida é capaz de superar a arte, uma vez que Nietzsche entende a vida como uma forma suprema de arte, pois a vida é uma eterna transformação – criação e destruição permanente. Por isso, escreve Nietzsche, é preciso “*ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*”<sup>22</sup>

### 3 O PERSPECTIVISMO EM NIETZSCHE

Nas artes visuais, o termo “perspectiva” é definido como um método gráfico em que o artista é “capaz de desenhar um objeto de modo que ele pareça sólido e não plano como a superfície do papel no qual ele é desenhado”.<sup>23</sup> Nietzsche utiliza o termo “perspectivismo”, e termos relativos como “perspectivístico”, desde seus primeiros escritos em um sentido diferente.<sup>24</sup>

Nas publicações realizadas entre os anos 1880-1888 houve uma significativa mudança no uso das várias formas do termo “*Perspektive*”, dessa vez em um sentido propriamente ligado aos possíveis pontos de vista sobre os aspectos da vida – perspectiva no sentido de uma estética da vida. Uma rara passagem da fase inicial dos seus escritos que atribui significado ao termo no sentido de uma estética da vida, pode ser encontrada em *O nascimento da tragédia* quando ele escreve que

Por trás de semelhante modo de pensar e valorar, o qual tem de ser adverso à arte, enquanto ela for de alguma maneira autêntica, sentia eu também desde sempre a *hostilidade à vida*, a rancorosa, vingativa contra a própria vida: pois toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> (FINK, 2003, p. 9, tradução nossa).

<sup>22</sup> (NIETZSCHE, 1996, p. 15, grifo do autor).

<sup>23</sup> (NORLING, 1999, p. 3, tradução nossa).

<sup>24</sup> É importante mencionar que o termo “*Perspektive*” e outros termos relativos como “*Perspektivisch*” e “*Perspektivismus*” podem ser encontrados nos escritos de Nietzsche desde as suas primeiras publicações entre 1872 e 1875, mas o uso desses termos nessas primeiras publicações permaneceu, em geral, até o início da década de 1880, mais ligado à “perspectiva” no sentido da percepção dimensional dos objetos sólidos do que no sentido de um ponto de vista particular sobre algum aspecto da vida. Para mais detalhes sobre o uso de Nietzsche do termo “*Perspektive*” e suas variações ver Small (2001, pp. 57-58) e Dellinger (2009, pp. 266-267).

<sup>25</sup> (NIETZSCHE, 1996, p. 19, grifo do autor).

Este pode ser considerado um dos raros trechos das obras iniciais em que Nietzsche utiliza o termo “perspectivístico” em referência a ideia de uma estética da vida, isto é, a ideia de que a vida, assim como os valores, somente pode ser significada por completo se for considerada a capacidade plural da criatividade inerente a cada ponto de vista ou perspectiva, cada uma a seu próprio modo, como na arte. Somente a partir dos escritos da década de 1880 é que o termo é mais comumente utilizado nesse sentido. Como em um trecho de *Humano, demasiado humano*, obra em que a primeira parte foi inicialmente publicada em 1878 e cuja versão final foi publicada em 1886, e que apresenta a ideia de que somente o “perspectivístico” pode ser considerado um parâmetro para decidir juízos de valor.

“Devas tornar-te senhor sobre ti, senhor também sobre tuas próprias virtudes. Antes eram elas teus senhores; mas só podem ser teus instrumentos ao lado de outros instrumentos. Devas obter poder sobre teus pró e contras e aprender a entendê-los, a desprendê-los e tornar a prendê-los conforme teus fins superiores. Devas aprender a conceber o perspectivístico de toda estimulativa de valor – o deslocamento, distorção e teleologia aparente dos horizontes e de tudo aquilo que pertence ao perspectivístico; e também a parte de estupidez referente a valores opostos e a toda a penitência intelectual com que se faz pagar todo pró, todo contra. Devas aprender a conceber a injustiça *necessária* de todo pró e contra, a injustiça como indissociável da vida, a vida mesma como *condicionada* pelo perspectivístico e sua injustiça. Devas, antes de tudo, ver com teus olhos onde a injustiça é sempre a maior de todas: ou seja, ali onde a vida está desenvolvida ao mínimo, mais estreito, mais carente, mais incipiente, e no entanto não pode impedir-se de se tomar como fim e medida das coisas e por amor de sua conservação destruir secreta e mesquinha e incessantemente o superior, maior, mais rico, e pô-lo em questão: devas ver com teus olhos o problema da ordenação hierárquica, e como potência e direito e envergadura das perspectivas crescem juntos em altura. Devas...” – basta, o espírito livre *sabe* doravante a que “tu deves” ele obedeceu, e também o que ele agora *pode*, o que somente agora lhe – é permitido...<sup>26</sup>

Também em outros trechos desse período, dessa vez da obra *A gaia ciência*, publicada em 1882, no parágrafo 354 Nietzsche escreve:

O homem inventor de signos é ao mesmo tempo o homem que é sempre mais agudamente consciente de si mesmo; é apenas como um animal social que o homem aprendeu a se tornar consciente de si mesmo [...] Fundamentalmente nossas ações são de maneira incomparável totalmente pessoais, únicas e absolutamente individuais – não há dúvidas sobre isso; mas tão logo nós as traduzimos na consciência, *elas não parecem mais sê-lo*... Isto é propriamente o fenomenalismo e perspectivismo assim como eu o entendo: a natureza da *consciência animal* envolve a noção de que o mundo do qual podemos nos tornar conscientes é apenas um mundo superficial e simbólico, um mundo generalizado e vulgarizado; – que tudo que se torna consciente *se torna* apenas ralo, escasso, relativamente estúpido, – uma generalização, um símbolo, uma característica do rebanho; que com a evolução da consciência, sempre existe associada uma grande perversão radical, falsificação,

---

<sup>26</sup> (NIETZSCHE, 1999b, pp. 67-68, grifo do autor).

superficialização e generalização. Finalmente, a crescente consciência é um perigo, e quem vive entre os europeus mais conscientes sabe até que é uma doença.<sup>27</sup>

E no parágrafo 374 ele escreve:

Saber quão longe o caráter da perspectiva da existência se estende, ou se a existência tem algum outro caráter, se uma existência sem explicação, sem "sentido", não se torna apenas "absurdo", se, por outro lado, toda existência não é essencialmente *interpretativa* – essas questões, como é certo e apropriado, não podem ser determinadas, mesmo pela análise mais diligente e severamente consciente e autoexame do intelecto, porque nesta análise o intelecto humano não pode evitar se ver de outra forma do que se ver sob suas próprias perspectivas, e *somente* nelas. Nós não podemos ver ao virar da esquina: é uma curiosidade sem esperança querer conhecer que outros modos de intelecto e de perspectiva *poderiam* existir: por exemplo, se algum tipo de ser poderia perceber o tempo para trás, ou alternadamente para frente e para trás (pelo qual outra direção da vida e outra concepção de causa e efeito seriam dadas). Mas eu acho que nós estamos hoje pelo menos longe da ridícula imodéstia de decretar a partir do nosso recanto que só *pode* existir perspectivas legítimas desse recanto. O mundo, pelo contrário, tornou-se mais uma vez "infinito" para nós: até agora nós não podemos lhe recusar a possibilidade de que ele *contém infinitas interpretações*. Mais uma vez o grande horror nos apreende: – mas quem desejaria imediatamente divinizar mais uma vez esse monstro de um mundo desconhecido à moda antiga? E talvez adorar a coisa desconhecida como o "deus desconhecido" no futuro? Ai! Existem muitas possibilidades *ímpias* de interpretação compreendidas neste desconhecido, de interpretá-lo com o demônio, com a estupidez ou com a loucura – como nossa própria maneira humana, demasiada interpretação humana, que conhecemos...<sup>28</sup>

Nesses parágrafos Nietzsche realiza uma analogia entre a "perspectiva" no sentido das artes visuais e o "perspectivismo" no sentido de uma estética da vida. Ele utiliza o termo "perspectivismo" para criticar uma espécie de superposição de perspectivas ou visões criadas pelos indivíduos sobre o mundo objetivo, em que uma determinada perspectiva do pensamento pode se sobrepor em relação às outras perspectivas. Contudo, para Nietzsche não deve haver uma perspectiva destacada capaz de explicar o mundo objetivo, mas várias perspectivas ou metáforas que podem explicar as características do mundo. Ele está preocupado com o parâmetro da perspectiva clássica, em que uma determinada perspectiva do indivíduo ou de grupos apresenta-se como único eixo central e norteador da realidade objetiva. Ele rejeita a perspectiva racionalista clássica da ciência e da metafísica devido a isso.

Nietzsche também realiza uma reflexão sobre a defesa exagerada de uma perspectiva, para expor sua própria visão sobre o "Ser" e o "conhecimento", refutando fervorosamente a supervalorização e preponderância da perspectiva socrática e platônica que, segundo ele, dominou toda a tradição intelectual do ocidente. É importante destacar que o perspectivismo em Nietzsche

---

<sup>27</sup> (NIETZSCHE, 1924, pp. 298-299, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>28</sup> (NIETZSCHE, 1924, pp. 340-341, grifo do autor, tradução nossa).

considera integralmente todas as capacidades sensíveis do corpo, não somente as capacidades intelectuais da mente. Assim, pode-se dizer que Nietzsche tenta superar a predominância da perspectiva realista em que conhecer é se apropriar da verdade do mundo objetivo tal como ele é.<sup>29</sup> Ele também refuta a predominância do idealismo, isto é, a defesa exacerbada da perspectiva de que a existência do mundo objetivo é dependente de uma mente que o pense.<sup>30</sup> Não há, pois, na perspectiva nietzschiana, um caráter determinado, uno, imóvel, etc., mas uma concepção de “Ser” heraclitiana, na qual a vida é um processo constituído por várias forças que se relacionam. Não existe, portanto, uma “fórmula” ou padrão capaz de descrever toda a pluralidade da vida.<sup>31</sup> Isso é o que garante um aspecto de perspectiva que cada potência pode realizar.

No que diz respeito ao caráter prescritivo e epistemológico, que caracteriza boa parte das teorias do conhecimento, Nietzsche não pretende afirmar ele próprio um tipo de teoria do conhecimento, como um “perspectivismo epistemológico”. Aparentemente sua meta ao utilizar o termo “*Perspektivismus*” não foi prescrever tipos e aplicabilidades do conhecimento racional, mas problematizar a supervalorização da metafísica, da ontologia, do racionalismo, etc. Poderia dizer também que sua perspectiva epistemológica seria centrada no sujeito, que por motivos históricos possui certa inclinação em valorizar uma perspectiva específica. Neste sentido, para Nietzsche uma perspectiva é apenas uma força entre tantas outras que existem na vida, por isso que as faculdades epistemológicas não podem se desprender da relação entre as individualidades. Cada individualidade tem sua participação na construção de um conhecimento sobre a vida. Portanto, se possível fosse reduzir a perspectiva epistemológica de Nietzsche a uma descrição, poderia ser dito que sua perspectiva está muito próxima de um pluralismo epistemológico.<sup>32</sup> Pois, “a medida do

---

<sup>29</sup> (NIETZSCHE, 1996, p. 91-96).

<sup>30</sup> (NIETZSCHE, 2003, p. 21).

<sup>31</sup> (NIETZSCHE, 1968, p. 335, tradução nossa).

<sup>32</sup> O pluralismo epistemológico, também conhecido como pluralismo metodológico ou ainda pluralismo teórico, é uma perspectiva epistemológica cujos adeptos dizem que qualquer conhecimento sobre o mundo deve admitir, por contraste, várias concepções distintas para que o conhecimento possa representar de maneira mais completa o mundo. Um dos adeptos dessa perspectiva é Feyerabend, quando escreve “que um cientista que deseja maximizar o conteúdo empírico das concepções que sustenta e compreendê-las tão claramente quanto lhe seja possível deve, portanto, introduzir outras concepções, ou seja, precisa adotar uma *metodologia pluralista* [...] Concebido dessa maneira o conhecimento não é uma série de teorias autoconsistentes que converge para uma concepção ideal; não é uma aproximação gradual à verdade. É, antes, um sempre crescente oceano de alternativas mutuamente incompatíveis, no qual cada teoria, cada conto de fadas e cada mito que faz parte da coleção força os outros a uma articulação maior, todos contribuindo, mediante esse processo de competição, para o desenvolvimento de nossa consciência. Nada jamais é estabelecido, nenhuma concepção pode jamais ser omitida de uma explicação abrangente” (FEYERABEND, 2011, p. 46, grifo do autor). Dessa forma, cada momento da história da ciência é igualmente importante se for considerado o aumento no conhecimento humano, porque alguém se contrapôs a uma regra ou padrão estabelecido. Desejar que o conhecimento científico produza padrões e conceitos fechados é entender mal como o conhecimento científico se desenvolve. É importante ressaltar que o ato de defender uma perspectiva pluralista sobre o conhecimento não significa apresentar a defesa de um padrão no sentido de uma teoria cristalizada sobre o conhecimento. Aqui, acredita-se em poder estabelecer a analogia da perspectiva pluralista com a perspectiva de Nietzsche sobre o conhecimento na medida em que ambas parecem sugerir uma rejeição à chamada tese da

desejo de conhecimento depende da medida em que a vontade de poder cresce em uma espécie: uma espécie apreende uma certa quantidade de realidade para se tornar mestre dela, para pressioná-la a seu serviço”.<sup>33</sup>

A filosofia do conhecimento de Nietzsche deve considerar tanto a parte ontológica de uma perspectiva, a perspectiva da vida, quanto a outra gnosiológica, a perspectiva do conhecimento, pois a construção do conhecimento deve considerar a interpretação trágica da vida. Conhecer é construir realidades por meio da interpretação, em uma interação com a vida. Trata-se do “perspectivismo necessário em virtude do qual todo centro de força – e não apenas o homem – constrói todo o resto do mundo a partir de seu próprio ponto de vista, isto é, mede, sente, forma, de acordo com sua própria força”.<sup>34</sup> Significa dizer que todo conhecedor é de certa maneira artista quando constrói modelos de interpretação da realidade. Toda forma de saber é capaz de construir um aspecto da realidade, inclusive o racionalismo socrático que Nietzsche tanto critica. Pois, o que Nietzsche critica não é a perspectiva socrática em si, mas a supervalorização exacerbada e hierárquica dessa perspectiva em relação às demais, ou seja, o que Nietzsche rejeita é a defesa exacerbada de uma perspectiva sobre a realidade em detrimento de outras perspectivas. Quando uma perspectiva sobre a realidade busca o domínio de uma visão sobre a realidade e desconsidera a importância de outras visões sobre a realidade, ela se torna fechada à crítica e ao conflito com outras. Assim, o pluralismo de interpretações sobre a realidade não pode ser estimulado, mas negado. Com tal caráter de domínio e estabelecimento de uma ordem de pensamento e ação, o humano passou a ter uma vontade irresistível ao conhecimento e a dominação, ou seja, à “verdade”.

No mundo ocidental a tradição científico-filosófica difunde a ideia de que o conhecimento não pode ser entendido como corpo, plástico. Isso nada mais é que “a tradução da vontade de potência/poder manifesta em seu aspecto decadente, doentio, fraco”.<sup>35</sup> Para Nietzsche, o corpo é a perspectiva da vida, isto é, espírito, espaço, tempo – tudo é corpo. O saber trágico e dionisíaco pode criar uma realidade condizente com a finitude do ser humano e com sua “experiência estética de mundo, uma experiência única e singular, como é a vida de cada vivente”.<sup>36</sup>

Assim, ao que parece, o perspectivismo de Nietzsche não se trata de uma substituição do conhecimento científico-filosófico-ocidental pelo conhecimento trágico, como se fosse a proposta

---

estabilidade ou da invariância semântica, sustentada pelos positivistas e pela ciência tradicionalista, de que as teorias científicas apresentam uma linguagem neutra, conceitual e capaz de ser universalizada.

<sup>33</sup> (NIETZSCHE, 1968, p. 267, tradução nossa).

<sup>34</sup> (NIETZSCHE, 1968, p. 339, tradução nossa).

<sup>35</sup> (MARINS, 2008, p. 137).

<sup>36</sup> (MARINS, 2008, p. 137).

de Nietzsche estabelecer uma tradição ou uma outra teoria sobre o conhecimento. Mas, da aceitação da condição “finita, limitada, sensível do homem em sua criadora singularidade, com uma ‘alegria dionisíaca’ do participar da vida em toda sua tragicidade originária”.<sup>37</sup>

O saber trágico representa a perspectiva geral, que considera o pluralismo de interpretações sobre a vida e a realidade. O perspectivismo não busca uma imagem de conhecimento fechada e cristalizada. A sua perspectiva é a vida. Significa que é o sujeito que se compreende como parte da pluralidade da vida. Ele considera a unidade da pluralidade, por isso não se separa do objeto. O saber trágico é, em certo sentido, a estética do mundo objetivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “perspectivismo” de Nietzsche bem que poderia ser mais levado em consideração pelos debates contemporâneos da filosofia da ciência, sobretudo aqueles que se ocupam com os temas da imposição de padrões à comunidade científica e da noção de verdade. Pois, o “perspectivismo” é uma forma de “saber trágico”, que melhor representa a “vida”, capaz de ser aplicado, por analogia, ao processo de desenvolvimento do conhecimento científico. Além disso, em Nietzsche a noção de “verdade” deixa de ser compatível com a noção de “vida”. Portanto, expressões nietzschianas como “tragédia”, “saber trágico”, “vida” e “perspectivismo” podem, nesse sentido, ser úteis para a filosofia da ciência. Se para Nietzsche a “vida” é também “tragédia” – desacordo, desarmonia, temor, dilaceramento, dualidade e crueldade – não podendo, por isso, ser reduzida a um conceito, então em sua perspectiva o impulso à “verdade” tem como finalidade uma consolidação de um conceito sobre a realidade, o que anula a pluralidade de interpretações ou perspectivas, pluralidade necessária, segundo Nietzsche, para haver qualquer conhecimento sobre a vida. Assim, uma analogia entre o perspectivismo de Nietzsche e a construção do conhecimento científico permite considerar que a construção do saber científico precisa desconsiderar a noção de “verdade” e considerar todas as perspectivas individuais dos cientistas – a ciência não deve buscar verdades, mas metáforas ou perspectivas sobre a “vida”. Essa contribuição de Nietzsche aos debates recentes em filosofia da ciência apresenta a ideia de que a noção de “verdade” deixa de ser compatível com a noção de “vida”, de maneira que a construção do conhecimento científico, que melhor representa a “vida”, possa ser melhor desenvolvida pelo perspectivismo.

---

<sup>37</sup> (MARINS, 2008, p. 138).

Não se trata de desconsiderar completamente o empirismo. Pois o empirismo é capaz de oferecer intuições fundamentais para a ciência natural. No entanto, quando o empirismo é colado à noção de *verdade* como correspondência aos fatos sugere-se um problema, ao considerar uma percepção empírica um *conceito* científico e não uma *perspectiva* científica. A legitimidade da experiência sensorial deve ser considerada, assim como as múltiplas perspectivas devem ser consideradas para explicar o surgimento de teorias e métodos por meios experimentais.

Caso os filósofos da ciência desconsiderem a pluralidade de percepções científicas sobre um mesmo determinado aspecto da realidade eles mesmos tornarão incompreensíveis a própria confiabilidade científica, uma vez que é com base na comparação e no conflito de perspectivas que as teorias científicas se desenvolvem. Anularão, ainda, qualquer refutação ou crítica e quaisquer procedimentos de investigação científica porque a história mostra que a ciência é, essencialmente, uma história de conflitos. Todos os atores da ciência buscam se prevenir contra as percepções errôneas que porventura apareçam e tal prevenção pressupõe uma consideração dos testes experimentais, mas também do conflito com outras teorias, percepções, métodos e interesses. Caso contrário, o pensamento científico estaria fadado ao dogmatismo, a mera reprodução do mesmo, não ao conhecimento genuinamente crítico e mutável.

Levando em consideração a refutação de uma autoridade ou exclusividade de qualquer tradição de pesquisa, uma vez que a supervalorização das tradições de pesquisa racionalistas e empiristas propostas pela ciência tradicionalista necessitem ser totalmente rejeitadas, é preciso oferecer alguma alternativa epistemológica à ciência, uma alternativa epistemológica capaz de considerar a diversidade de tradições de pesquisa sem discriminação partidária. Assim, parece ser o perspectivismo – enquanto uma forma de pluralismo científico – uma excelente alternativa epistemológica para substituir a supervalorização de tradições de pesquisa em detrimento de outras – de qualquer tradição de pesquisa científica – e coibir o tradicionalismo capaz de supervalorizar um ideal em detrimento de outro. Pois, a ciência parece ser constituída de uma pluralidade de tradições de pesquisa.

Assim, destaca-se a grande relevância do pensamento de Nietzsche para a filosofia da ciência, conforme a sua noção de *perspectivismo*: não há desenvolvimento do conhecimento científico dirigidos por uma única regra teórica ou uma única metodologia, mas várias. Nietzsche parece estar convencido de que a epistemologia sendo operada por regras fixas e universais, de modo a sugerir um padrão, seria um contrassenso, uma vez que qualquer representação completa sobre o que é a vida necessariamente precisa considerar a pluralidade de perspectivas ou pontos de

vista sobre a vida. E a necessidade de contrapor perspectivas é exatamente o que permite o desenvolvimento do conhecimento pelo conflito. Nesse sentido, a preponderância do racionalismo científico frente a outras perspectivas é, segundo ele, injustificável.

## REFERÊNCIAS:

- CARNAP, R. Testability and meaning. *Philosophy of science*, Chicago, v. 3, n. 4, out. 1936, pp. 419–471. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/184400>>. Acesso em: 27 fev. 2018.
- DELLINGER, J. Perspektivismus. In: NIEMEYER, C. (org.). *Nietzsche-Lexikon*. Darmstadt: WBG, 2009, pp. 266-267.
- FEYERABEND, P. K. *Contra o método*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FINK, E. *A Nietzsche's philosophy*. London: Continuum, 2003. (Athlone contemporary european thinkers).
- MARINS, I. C. M. Um olhar sobre o perspectivismo de Nietzsche e o pensamento trágico. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2º semestre de 2008, pp. 124-141. Disponível em: <<http://www.tragica.org/edicoes-anteriores/no-02/>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- MUELLER-LAUTER, W. Uma filosofia para ruminar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 out. 1994, não paginado. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/09/mais!/9.html>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- NIETZSCHE, F. W. A filosofia na época trágica dos gregos (1873). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999a, pp. 251-266. (Os pensadores).
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das letras, 2007a.
- NIETZSCHE, F. W. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. Primeiro volume (1878). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999b, pp. 61-99. (Os pensadores).
- NIETZSCHE, F. W. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. Segundo volume (1879-1880). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999c, pp. 101-133. (Os pensadores).

- NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NIETZSCHE, F. W. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Hedra, 2007b.
- NIETZSCHE, F. W. The joyful wisdom ("La gaya scienza"). In: LEVY, O. (ed.). *The complete works of Friedrich Nietzsche: the first complete and authorised english translation*. Volume ten. 3th. ed. Edinburgh: T. N. Foulis, 1924, pp. 1-370. Disponível em: <<https://archive.org/details/completenietasch1onietuoft/page/n5>>. Acesso em: 05 dez. 2019.
- NIETZSCHE, F. W. *The will to power*. New York: Vintage Books, 1968. Disponível em: <<https://archive.org/details/FriedrichNietzscheTheWillToPower>>. Acesso em: 05 dez. 2019.
- NORLING, E. R. *Perspective made easy*. New York: Dover Publications, 1999.
- PUTNAM, H. *Reason, truth and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- QUINE, W. V. *De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- RUSSEL, B. *Os problemas da filosofia*. Florianópolis: Martins Fontes, 2005.
- SMALL, R. *Nietzsche in context*. Aldershot: Ashgate, 2001.
- TARSKI, A. The semantic conception of truth: and the foundations of semantics. *Philosophy and Phenomenological Research*, Providence, v. 4, n. 3, mar. 1944, pp. 341-376. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2102968>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.